
De: Sofia Cardim

Enviada: terça-feira, 8 de setembro de 2026 17:50

Assunto: CCB | repetição, precisão e resistência em THE DOG DAYS ARE OVER 2.0, de Jan Martens | 19 e 20 set . sábado: 19h00 e domingo: 17h00 . Grande Auditório

**Jan Martens regressa a uma das suas obras mais
icónicas**

THE DOG DAYS ARE OVER 2.0

8 bailarinos, 70 minutos

Uma coreografia construída a partir da repetição do salto

CCB . 19 e 20 set . sábado: 19h00 e domingo: 17h00 . Grande Auditório



A 19 e 20 de setembro, o Centro Cultural de Belém apresenta *THE DOG DAYS ARE OVER 2.0*, remontagem da obra criada por Jan Martens em 2014, agora interpretada por uma nova geração de bailarinos.

Criada em 2014, *THE DOG DAYS ARE OVER* tornou-se uma das obras de referência no percurso internacional do coreógrafo belga, com mais de uma centena de apresentações. Em 2025, Jan Martens regressou pela primeira vez a uma criação anterior, com uma nova geração de intérpretes. A equipa original participou no processo de transmissão da peça ao novo elenco. Apresentada em Portugal em 2015, no Teatro Municipal do Porto, Rivoli, a obra regressa agora numa versão 2.0.

Uma coreografia construída a partir do salto

O ponto de partida de *THE DOG DAYS ARE OVER* encontra-se numa afirmação do fotógrafo Philippe Halsman: quando pedimos a alguém que salte, a sua atenção concentra-se no ato de saltar e a máscara cai, deixando aparecer a verdadeira pessoa.

Jan Martens parte desta ideia para construir uma peça para oito bailarinos assente na repetição do salto. Ao longo de cerca de 70 minutos, os intérpretes executam uma estrutura coreográfica precisa e exigente. Na versão 2.0, a repetição mantém-se como princípio da obra, desdobrando-se em múltiplas variações de movimento.

A procura da precisão e da uniformidade deixa, ao mesmo tempo, espaço para as diferenças entre os intérpretes. Na nova versão, uma nova geração de bailarinos confronta-se com a mesma procura de perfeição que está no centro da peça.

Eles saltam. Nós assistimos.

Na versão original de *THE DOG DAYS ARE OVER*, cada bailarino realizava **7.200 saltos**. Oito bailarinos, 70 minutos, **57.600 saltos no total**. Foi assim que Inês Nadais apresentou a obra no PÚBLICO, em dezembro de 2015, quando Jan Martens se apresentou pela primeira vez em Portugal, no Rivoli.

Os números, porém, não esgotam a obra.

No artigo **“Entreter (ou morrer a tentar)”**, Inês Nadais parte do esforço exigido aos bailarinos para chegar a uma das questões que atravessam a peça: até onde estamos dispostos a ir, e o que estamos dispostos a exigir dos outros, para sermos entretidos?

Em conversa com a jornalista, Jan Martens explicava que se tinha proposto perceber o que entendemos por entretenimento e interrogava o prazer de observar os outros em esforço, dificuldade ou sofrimento.

A pergunta estende-se também à responsabilidade de quem participa no espetáculo: quem o cria, quem o programa, quem o divulga e quem assiste.

“Entreter (ou morrer a tentar)”

Inês Nadais, PÚBLICO, 4 de dezembro de 2015